



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

ARTHUR DANTO E O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DA ARTE

José Henrique de Jesus Silva¹; Charliston Pablo Nascimento².

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

errique.silva34@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

beltrano@provedor.br

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Definição; Artes Visuais; Mundo da Arte

INTRODUÇÃO

Conceituar a termo arte não é uma tarefa simples. Pois, se por um lado a arte consiste em uma prática humana, o objeto central dessa prática, isto é, as obras de arte, sofreram ao longo da história da arte diferentes formas de criação, apreciação e entendimento. E, por sua vez, esse processo foi e vem sendo realizado em conformidade com a evolução das mais diferentes tecnologias e sua incorporação nos pressupostos criativos.

A prática da arte, tal como a entendemos, tenha se originado no Renascimento, e alcançado pleno desenvolvimento no século XVIII, com o advento das academias de Belas Artes e a criações para a exibição e salvaguarda das obras de arte, como os museus, as galerias, seus curadores e críticos, isso não implica que esse processo de desenvolvimento não tenha sofrido, ao longo de todo esse período, grandes transformações. Mais do que isso, a partir do século XIX, com o advento de diversas revoluções tecnológicas para a produção de imagens (a exemplo da máquina fotográfica e do cinematógrafo), a arte se tornou cada vez mais especulativa acerca do conhecimento de si mesma, e fazendo surgir todo um processo de modificações cujo horizonte passou a questionar acerca de sua própria realidade pictórica.

Em nosso Plano de Trabalho, investigaremos que para duas concepções teóricas, quais sejam, O Mundo da Arte, de Arthur Danto, e a teoria institucional da arte (apresentada em Definindo Arte), por George Dickie, a definição filosófica da arte não apenas é possível em um sentido essencialista (isto é, de modo a contemplar todas as obras de arte historicamente feitas ou as que serão realizadas no futuro), como, ainda, que tais teorias propõe uma concepção inclusiva para a realidade da arte e de sua prática. No que diz respeito a Arthur Danto, investigamos de que modo o esteta deslocou as interrogações pela natureza essencial da arte de suas questões materiais, como os objetos artísticos (pinturas, esculturas, etc.), ou dos estilos pictóricos (mimesis, expressão, formalismo) para aquilo o que sua filosofia intitula “transfiguração” ou “é da identificação artística” elevando as discussões mediante o pensamento de George

Dickie. Para Danto, o que torna uma obra de arte é um processo de ordem mental, cognitivo, que consiste em representar algo em algum objeto (pouco importando, deste modo, em que objeto tal representação é aplicado, desde que o significado representado possa coerentemente ser adequado ao objeto). Com isso, a teoria de Danto institui a possibilidade de uma formulação do conceito de arte que contempla todo e qualquer tipo de objeto (pintura, escultura, objetos ocasionais, industriais, efêmeros, etc.), bem como estilísticos (miméticos, expressivos, formalistas, conceituais, etc.). Em George Dickie, por sua vez, cujo artigo “Definindo Arte” e a expressão “mundo da arte” foram inspirados em Arthur Danto, bem como a sua tentativa de um alcance essencialista.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Como matéria de uma investigação filosófica, adotou o percurso próprio da prática filosófica acadêmica, no sentido do estudo bibliográfico de obras que nos possibilitem a compreensão do fenômeno pluralista da arte em sua história e prática, bem como das formas como a filosofia procurou apresentar uma definição essencialista a essa prática. A representação a partir desse método de estudo facultou a possibilidade de inserção profunda dentro das estruturas bibliográficas e as dinâmicas da compreensão do tema a ser pesquisado.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A partir de nossas investigações, da plausibilidade de uma definição essencialista do conceito de arte em conformidade com o pluralismo estilístico de sua prática. Os resultados se aprimoram a partir dos conceitos de “mundo da arte” e “fim da arte” como possibilidade de compreensão a definição de arte perante sua passagem histórica. As determinações diante disso, evidenciam que a arte se constitui a partir de sua própria teoria.

Se quiser analisar as obras de arte na era contemporaneidade é necessário partir do lugar que Danto desenvolve para a compreensão das obras de arte. “É em termos de TR que devemos entender as obras de arte que hoje nos rodeiam.” (DANTO, 2006, p.16) A teoria da realidade é o lugar possível para pensar o estatuto da arte hoje na equivalência do lugar que faz determinado objeto ser uma obra de arte, pois o que será apresentado irá configurar significações que possibilitam tal coisa ser uma obra de arte.

Buscar a essência da arte é estabelecer um fim aos modos de avaliação que foi posto às categorizar e analisar a arte. Cabe buscar a arte depois do fim da arte para que possa buscar uma definição de arte de modo essencial e universal. A arte após o fim da arte se torna o que Danto pontua as representações que são concebidas como obra de arte a partir do mundo da arte. “Os meios de representação se tornaram o objeto de representação.” (Danto, 2006, p.9) Essa afirmação fez a perda de rumo da história e a estrutura de uma nova essência, uma estrutura ontológica diferente do que é dito como ser arte e do limites da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste percurso de investigação é notável perceber os caminhos que são configurados por Danto, frente a filosofia da arte e os problemas postos por seus

seguidores e seus críticos, entre as categoria de análises ao que é, e não é uma obra de arte e como uma obra de arte vem a ser uma obra de arte.

O mundo da arte como uma das questões principais da sua filosofia e do pensamento contemporâneo, perante sua abordagem filosófica e estética direciona proposições sedimentares sobre as construções teóricas que perpassam o campo da filosofia da arte. Cabe ser dito que ao advento do pensamento dantiano à questão da arte, se configura como uma nova atmosfera da filosofia da arte.

A compreensão do pensamento dantiano expressa a possibilidade de desconhecer o que é conhecido. Esse entendimento direciona não apenas uma tomada de consciência, como a possibilidade de determinar, criar, conhecer e transfigurar o que é de mais simples em algo potente. A estranheza criada pela arte contemporânea, evidencia um contato único com as coisas do mundo, mais que isso, aprimora uma condição ao encontro do ser do sujeito que olha para uma obra de arte em busca dos seus significados.

O é da identificação postulado por Danto no “Mundo da Arte” traça as possibilidades que auxiliam no processo de definição da arte, ou melhor do processo de transfiguração, entretanto muitas vezes é exercido uma compreensão errônea do é da identificação, como condição essencial para definir o que é arte. É válido reafirmar que o é da identificação auxilia como parte para o processo de transfiguração da obra de arte, mas isso não determina a condição de definição puramente.

A definição da arte se configura sobre a esfera de uma teoria da artística, é somente a partir dela que pode haver uma definição universal para a compreensão da arte, essa é uma das condições que Danto afirma e busca responder diante do seu artigo O Mundo da Arte e a Transfiguração do lugar - comum, entretanto ao ponto que constitui avanços na busca de uma definição da arte o problema aumenta o seu grau de compreensão.

As condições que são fundamentadas ao longo do processo deste trabalho destacam a condição entre a união entre filosofia e a arte, como modo essencial para a compreensão da arte na contemporaneidade. Para além disso, destaca algo que é perdido e retomado que é o contato direto que a filosofia tinha com a arte e que foi perdido ao longo da história mediante as condições ontológicas que foram estruturadas ao ser da arte.

O fim da arte é o começo da arte, em atmosferas filosóficas, pois possibilita uma nova compreensão ao estatuto do ser da arte, perante os processos de avaliação e de acontecimento que a arte apresenta. A arte interliga a filosofia no seu próprio modo de produção e acontecimento, o que está em jogo não é apenas a matéria, mas os significados que essa matéria estrutura e quais a possibilidade de visualizá-la em outros paradigmas.

Entre o mundo da arte e o fim da arte, encontra-se a possibilidade de transfiguração. A experiência perante os modos de destruição que vem acontecendo por causa do modo de produção capitalista e suas condições de destruição da natureza e da própria humanidade direciona a arte outros modos de percepção a ver a arte como possibilidade de diálogo perante os grandes desastres que movem a atmosfera do século XXI.

A transfiguração da arte e sua banalidade, são meios para pensar não só a interpretação que está em jogo na obra a ser visualizada, sentida, mas para além disso, pensar um processo de transfiguração que direcionada a uma concepção mundana ao ser da arte e ao ser do mundo como forma de continuação da vida diante de uma construção abstrata que é facultada pela arte como modo de tensionamento a vida cotidiana. A liberdade é a possibilidade de transfiguração, é ela quem possibilita uma mera coisa ser uma obra de arte.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. Trad. Alexandre Krug; Valter L. Siqueira, São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CARROLL, Noël. Filosofia da Arte. Tradução de Rita Canas Mendes. Lisboa: Gabinete Editorial Texto & Grafia, 1999.
- COSTA, Rachel. O Fim da Arte como um Começo. In. Revista Redescrições, ano 5, n.2, 2014, pp.11-33
- DANTO, Arthur. Após o Fim da Arte: A arte contemporânea e os limites da história. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus, 2006
- DANTO, Arthur. O mundo da arte. Tradução de Rodrigo Duarte. Artefilosofia, n.1, Ouro Preto, Minas Gerais, 2006, p.13-25.
- DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- DICKIE, George. Definindo arte. Tradução de Jean Rodrigues Siqueira. Lumen, n. 1. São Paulo, jan. 2016, p.173-179.
- DUARTE, Rodrigo. A Plausibilidade da Pós-História no Sentido Estético. In. Varia Aesthetica: ensaios sobre arte e sociedade. Belo Horizonte: Relicário, 2014; pp. 285-312.
- FERREIRA, Debora. Arthur Danto e o Problema da Interpretação de Obra de Arte. In. kriterion, Belo Horizonte, nº 139, Abr./2018, p. 93-108.
- GOMBRICH, Sir Ernst H. A história da arte. Trad. Álvaro Cabral. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- NASCIMENTO, Charliston. O papel da crítica na arte pós-histórica: um problema filosófico. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38521>. Acesso em 15/07/2022.
- NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2009.
- WEITZ, Morris: O papel da teoria na estética. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/estetica.htm> Acesso em: 24 de março 2022.